

CULTURA E RESISTÊNCIA

Opázia Chain Feres
UFF

“Toda ciência progride sobre os patamares e não sobre os escombros dos ensinamentos anteriores”¹

A FIEO – Fundação Instituto de Ensino para Osasco – acertou em cheio ao publicar, em 2001, *Estudos de Literatura, Filologia e História*, mais um fruto precioso do convívio contínuo e profícuo com a Cultura, de um Mestre talhado para seu ofício: Segismundo Spina.

Trata-se de uma antologia de trabalhos que vieram ao conhecimento dos leitores entre 1957 e 1991, principalmente através do *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo*, com exceção do último ensaio, de História, inédito.

Spina, por temperamento e convicção, passa ao largo do jargão acadêmico e da paralisia do pensamento engendrada pela censura do “politicamente correto”. Usa uma linguagem coloquial e simultaneamente alta, impregnada cá e lá de uma ironia fina. Ensina e faz rir – às vezes gargalhar: o riso brota, espontâneo, diante de expressões de uma invejável franqueza como “positivismo irritante”, “crítica (...) do azedo Padre”, “dedicação estóica”– (que requer a leitura de Durão); diante de um “Prontuário de frases para todos os usos a fim de preencher o vazio do nada”; diante da deliciosa e certa indiscrição na menção a bastidores de uma crítica de encomenda...

Mas sobretudo transborda do Livro um amor visceral pela poesia: “(...) aquele mistério inefável da Poesia é o mesmo mistério, o mesmo sortilégio, a mesma doçura que existe no mundo encantado da Música. A Poesia se desprende da irmã, mas herdou-lhe as leis de sua constituição e o mistério de seu mundo subterrâneo” (p.244).

É ocioso mencionar o valor dos escritos, tratando-se de Spina, cuja vocação para a polêmica é posta a serviço da inteligência da arte, do homem e da civilização, validando a cultura intelectual segundo sua vocação precípua: “fazer ver (...) as verdadeiras e inteligíveis relações das coisas” (p.33).

¹ Sílvio Elia, apud SPINA, Segismundo. *Estudos de Literatura, Filologia e História*. Osasco: FIEO – Fundação Instituto de Ensino para Osasco, 2001, 480p. (p.440)

A primeira parte do Livro, que abarca trabalhos sobre a Literatura, vai-nos brindando com análises generosas, solidamente assentadas na Filosofia, na História, na Estética: entre os autores em foco, brilham Camões, Castiglione, D. Francisco Manuel de Melo, Santa Rita Durão, José de Alencar, Anchieta, António Ferreira e tantos outros. Na respectiva investigação vêm à cena o neoplatonismo renascentista e a tipologia humana do período; a penetração de heterodoxias em Portugal; a crença num Portugal renascido no Brasil; a sondagem e o reconhecimento da poesia, na prosa; o despojamento de um observador atento, que contribui com seu legado, para o conhecimento da etnografia nacional; a formulação renovada dos fundamentos da Estética Clássica...

Os *Estudos* integram um texto no seu passado, explicitando a tradição na qual se insere e onde avança: é amplo o exame das fontes de cada autor e, tantas vezes, de cada trecho de uma obra (como em “Uma Cronologia do Poema Camoniano”); é segura e penetrante a confrontação da verdade histórica com aquela poética; é instigante a identificação da sobrevivência do trovadorismo e o acompanhamento da gênese das imagens poéticas...

O Autor faz atuais as lições da Retórica Clássica e acentua a importância de se atentar ao parentesco entre as artes. Relembra a evolução do conceito de Literatura e harmoniza Crítica Literária e Filologia. Biografando gigantes, examina obras fundamentais na cultura ocidental – sejam seus autores gregos ou latinos, sejam eles portugueses, espanhóis, franceses, italianos, alemães ou brasileiros. Une Brasil e Portugal na senda dos grandes da Antigüidade com uma bagagem de conhecimentos que vai desde os princípios metafísicos da arte clássica e sua visão de mundo até a análise aritmética do ritmo de um verso, em consonância com a alta missão do filólogo que “se ocupa de povos que se elevaram acima do estado de barbárie e chegaram com manifestações artísticas ou culturais a um grau notável de civilização” (Francesco Semi, citado no original italiano, à p.388).

A Filologia que se descortina é aquela “(...) na sua função transcendente, isto é, quando o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica, um objeto de exegese gramatical, para se transformar num instrumento que permite ao filólogo interpretar a vida espiritual de um povo (...), de uma comunidade (...) de uma civilização” (p.336).

Alguns trabalhos são, literalmente, “aviso aos navegantes”, como a denúncia da deturpação do *Dicionário do Moraes* de 1813 na sua versão de 1959 ou da obscuridade que tem por função encobrir o vazio das idéias em tanta parte da “cultura” acadêmica de hoje.

Alguns relatos, que ilustram os *Estudos*, serão novidade para muitos leitores: como o de um D. Pedro II conhecedor do árabe e do hebraico, estudioso

da Literatura e literato de valor; como o do grego e do latim – falados com esmero no Portugal do século XVI...

O estudo de História investiga a gênese de Roma seguindo as pegadas da civilização etrusca e aponta uma permanência dessa civilização oriental naquela dos latinos e, a partir destes, em nossa cultura.

Não fosse o verdadeiro boicote à tradição em que se ancora a nossa vida e que resultou no vazio de pontos seguros de referência em meio ao vozerio avassalador da grosseria e, na ribalta, merecedor das atenções de vasto público, estariam, sem dúvida, Spina e seu(s) livro(s).

Com efeito, Camões – pai da moderna Língua Portuguesa e poeta fundador de Portugal – é a estrela maior a merecer grande parte dos estudos em apreço. E nossa população, há décadas, não recebe, da Escola ou do Ar, estímulo para leitura e exame da obra camoniana, substituída que foi, junto às de tantos poetas, escritores, dramaturgos pela invasão demolidora da banalidade, do cotidiano, da “língua falada”: a Cultura, antes ao alcance de quantos passassem pelo curso secundário (para não dizer menos que secundário) ou de quantos estivessem atentos aos grandes temas que empolgaram gerações, resultou confinada a um círculo restrito de iniciados...

Não se diz mais do que muito pouco sobre este livro “recordatório”. Lembremos, apenas e por fim, sua riqueza bibliográfica, tantíssimas sugestões de pesquisa e tantas sendas apontáveis como exemplos a seguir: em Spina, a busca da perfeição não é renascentista ou medieval mas realidade efetiva e presente.